



Tecnologias Negras e Pesquisa-Ação no IFMG: indicadores para uma educação antirracista e antissexista

Maria Luíza Santana Ribeiro¹; Erick Isaque da Silva Sales²; Cynthia de Oliveira Alves³; Beatriz Moura Dantas⁴; Milena de Lima e Silva⁵; Ana Carolina Costa dos Anjos⁶

RESUMO

Em alinhamento aos marcos legais que modificaram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, este estudo se insere no debate sobre a implementação curricular no IFMG, campus Betim. Fundamentado na Sociologia das Relações Étnico-Raciais e na interseccionalidade, o trabalho propõe a sistematização de práticas pedagógicas antirracistas e antissexistas para intervir nos processos formativos e promover a equidade racial e de gênero no contexto da educação técnica, tecnológica e científica. Nossa questão de pesquisa é: Quais práticas pedagógicas podem ser sistematizadas, testadas e adaptadas para fortalecer a implementação de uma educação antirracista e antissexista nos cursos técnicos do campus de Betim do IFMG? Metodologicamente, adaptamos os *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola* (Carreira; Souza, 2013) às questões de gênero e aplicamos em grupos formados por docentes, técnicos e discentes. Como produto, propomos um banco de práticas antidiscriminatórias, partindo da premissa de que a Educação para Relações Étnico-Raciais constitui uma tecnologia negra de inovação social.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Educação Antissexista. Tecnologias negras. Indicadores de qualidade da Educação.

1 INTRODUÇÃO

A experiência colonial brasileira, instituiu processos de racialização que, ao transformar diferenças fenotípicas em construções ideológicas, naturalizam hierarquias e perpetuam exclusões (Silvério, 2013). Esse processo construiu “ciclo de desvantagens cumulativas” (Hasenbalg; Silva, 1988) para a população negra que, historicamente, foi (e é) alijada de garantias de direitos, como de sua própria humanidade, e a acessos à terra, escolaridade,

¹ Bolsista do projeto, estudante do terceiro ano do curso técnico integrado de Química, campus IFMG/Betim

² Bolsista do projeto, estudante do segundo ano do curso técnico integrado de Química, campus IFMG/Betim

³ Bolsista do projeto, estudante do terceiro ano do curso técnico integrado de Química, campus IFMG/Betim

⁴ Voluntária no projeto, estudante do segundo ano do curso técnico integrado de Química, campus IFMG/Betim

⁵ Pesquisadora com colaboração externa, discente do curso de especialização em gestão pública e desenvolvimento regional, no campus IFMG/Ribeirão das Neves.

⁶ Coordenadora do projeto, pós-doutorado em Educação, Doutora em Sociologia, professora visitante no campus IFMG/Betim. Vice-líder do projeto de pesquisa cadastrado no CNPq “Educação para Relações Étnico-Raciais: ensino de Filosofia e Sociologia”, ao qual o projeto está vinculado.



serviços públicos etc. Embora destituída cientificamente de validade biológica, a ideia de raça permanece como operador social, incidindo na organização das instituições. Na escola, esse processo torna-se visível no currículo e nas práticas pedagógicas, que historicamente reproduziram silenciamentos e marginalizações, reforçando racismos (Gomes, 2012; Munanga, 2005; Paixão, 2008).

Ademais, às desigualdades raciais e de classe soma-se as gênero, como discutidas por María Lugones (2008) no conceito de “colonialidade de gênero” que, segundo a autora, no sistema moderno/colonial impôs um modelo de gênero binário, dimórfico e heteronormativo que se tornou central para a dominação eurocêntrica e capitalista. Em perspectiva paralela, Grada Kilomba explica a partir da categoria “racismo genderizado” evidenciando que há um “[...]impacto simultâneo da opressão ‘racial’ e de gênero [que] leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas.” (Kilomba, 2019, p. 99).

Os marcadores sociais da diferença e da desigualdade como raça, gênero, classe, entre outros, não apenas se acumulam, mas se articulam em sinergia, produzindo posições específicas de subalternidade e conformam uma matriz de dominação. Para apreender tal dinâmica, acionamos a perspectiva da interseccionalidade (Collins; Bilge, 2020; Crenshaw, 2002; Gonzalez, 2020), a qual permite problematizar a constituição mútua dessas opressões, aqui aplicada ao campo educacional.

Neste estudo, partimos de resultados de pesquisa anterior “Políticas de Ações Afirmativas” de natureza básica para aprofundar alguns pontos e aplicar outros. No plano teórico, discutimos a noção de tecnologias negras, fundada na perspectiva da “agência criativa negra” (Silvério, 2022) que instaura disputas epistemológicas e constrói contra-arquivos que intentam desestabilizar o cânone e reconfigurar práticas educativas. No plano aplicado, sistematizamos práticas antirracistas e antissexistas já existentes e elaboramos processos formativos, visando fortalecer a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e consolidar uma educação antirracista e antissexista.

2 METODOLOGIA

Inspirado na ideia de “artesanato progressivo” (Becker, 1999) e na concepção de “montagem do objeto” (Denzin; Lincoln, 2006), o estudo adota abordagem qualitativa, natureza



aplicada e caráter explicativo, visando compreender fenômenos educacionais a partir do entrecruzamento de prática empírica e arcabouço teórico-crítico. Fundamentamos nossa pesquisa na proposta da pesquisa-ação crítica (Costa, 1991), ancorada nos pressupostos da avaliação institucional participativa com a metodologia dos *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola* (Carreira; Souza, 2013), adaptados ao campo da educação profissional e tecnológica do IFMG/Betim. A opção por essa metodologia decorre da necessidade de articular produção de conhecimento e transformação institucional orientada pela equidade racial, de gênero e social.

Um dos eixos estruturantes do projeto é o letramento científico das pesquisadoras/es júnior, que passaram por formação voltada à construção de referenciais teóricos e metodológicos críticos. As atividades formativas articulam o estudo de autoras e autores da Sociologia das Relações Raciais como: Kabengele Munanga, Antônio Sérgio Guimarães, Marcelo Paixão, Lélia Gonzalez etc., a debates com equipe do projeto “Políticas de ações afirmativas” que já havia realizado análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos, ampliando o repertório teórico sobre educação antirracista e antissexista.

A formação metodológica aprofunda a leitura e a aplicação de Denize Carreira e Ana Lúcia Souza (2013), promovendo a reelaboração dos sete eixos de indicadores de qualidade com a incorporação de dimensões de gênero e diversidade. Vale destacar que, as/os próprios discentes foram orientadas/os para reelaborar os indicadores de qualidade a partir de perguntas norteadoras⁷, as quais depois foram debatidas com a coordenadora do projeto, professora Ana Carolina e a colaborada externa, doutora Milena de Lima.

3 PRÓXIMOS PASSOS

A partir do plano de mobilização social elaborado pela equipe de pesquisa, no mês de outubro, construiremos o grupo que irá discutir e aplicar a metodologia *Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola* (Carreira; Souza, 2013) – destacamos que, conforme exposto, nesta pesquisa ampliaremos o escopo dos *indicadores* para questões de gênero e diversidade.

⁷ O documento orientador pode ser lido no [LINK](#)



Nosso objetivo é que coletivamente construamos os indicadores interseccionais de qualidade da educação para o campus de Betim e um Plano de Ação Antirracista e Antissexista, a partir perspectivas teórico-metodológicas citadas.

O projeto prevê ainda a realização de oficinas formativas, ao final da pesquisa, sobre “tecnologias negras” - compreendidas como expressões de agência criativa e epistemologias de resistência (Silvério, 2022). Além disso, serão produzidos materiais didático-científicos e notas técnicas, consolidando práticas e saberes que tensionam o cânone e afirmam outras formas de existir, conhecer e educar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, em andamento, foi criada para apontar e construir ferramentas que auxiliam na implementação, no âmbito escolar, das Leis 10.639, 11.645, 14.164 e 14.986 (Brasil, 2003, 2008, 2021, 2024) – que, respectivamente, tornam obrigatórias, o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena e a inclusão de conteúdos sobre a prevenção da violência contra a mulher, de abordagens pautadas em experiências e perspectivas femininas nos currículos da educação básica.

Ao longo deste estudo, além dos produtos científico-educacionais, estamos desenvolvendo letramento científico crítico de pesquisadoras/es júnior que, em seu processo de formação, estão coparticipando da elaboração de uma perspectiva teórico-metodológica interseccional para construção de uma educação emancipatória, antirracista e antissexista.

REFERÊNCIAS

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4 ed. Trad. Maria Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1999

CARREIRA, D. SOUZA, A. L. S. **Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola**. São Paulo: Ação Educativa, 2013.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. A caminho de uma pesquisa-ação crítica. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 16, n. 2 (jul./dez. 1991), p. 47-52, 1991.



CRENSHAW, K.W. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *In: Revista para Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, 2002.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. Introdução: A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Trad. Sandra Regina, Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15–41.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, p. 98-109, 2012

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. *In: Rios, Flávia; LIMA, Márcia. Por Feminismo Afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HASENBALG, C. A; SILVA, N. do V. **Estrutura social, mobilidade e raça**. Instituto de Pesquisas do Rio de Janeiro: Vértice, 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, n. 9, p. 73-102, 2008.

MUNANGA, K. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PAIXÃO, M. **A dialética do bom aluno**: relações raciais e o sistema educacional brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008

SILVÉRIO, V. R. **Agência Criativa Negra**: rejeições articuladas e reconfigurações do racismo. São Paulo: Intermeios, 2022.

SILVÉRIO, V. R. Multiculturalismo e metamorfose na racialização: notas preliminares sobre a experiência contemporânea brasileira. *In: BONELLI, M. da G.; LANDA, M. D. V. de (org.). Sociologia e Mudança Social no Brasil e na Argentina*. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2013.